

# A ETERNA ROTA DA SEDA

**Alaor Chaves**

## **A tradição comercial da China**

Nada melhor simboliza o comércio dos chineses do que a seda. Produzida pela fibra extremamente fina e longa que forma o casulo do bicho da seda da amoreira, a seda tem sido produzida na China desde pelo menos cinco mil anos, e foi o único tecido usado nas vestes dos imperadores. O tecido era muito apreciado em todos os locais aonde chegava e seu comércio rendia muito à China. Os imperadores fizeram o possível para manter segredo sobre a origem da seda e seu método de produção, a sericultura; no século II ele foi levado para a Coreia e o Japão, mas não para o Ocidente.

O comércio da seda para o oeste foi organizado durante a dinastia Han (206 aC – 220 dC), que criou a rota da seda para o comércio com a Ásia Central. O negócio era interessante o bastante para que os chineses expulsassem os Xiongnu, na época a única tribo guerreira capaz de confrontá-los, da região onde hoje fica a província autônoma de Xinjiang, para abrir caminho para o Afeganistão e regiões mais a oeste. Os Xiongnu, deslocados para o norte e o nordeste, após séculos de lutas contra chineses e mongóis, no século IV subiram, rumo ao oeste da Rússia a partir do atual Turcomenistão, cruzaram o Cazaquistão e se dirigiram ao oeste, chegando à Europa pelo norte do mar negro. Tribos bárbaras europeias, que os chamavam de hunos, não eram bárbaras o bastante para enfrentá-los – pois os hunos eram faixa preta em barbaridade – e foram empurradas pelo vale do Danúbio até cruzar o Reno, causando destruição e terror na Gália – que Júlio César havia conquistado e transformado em província romana em 58-50 aC. Isso deu início ao movimento de hordas bárbaras que resultaram na queda do império romano do ocidente.

Até recentemente, pensava-se a abertura da alongada área em Xinjiang tivesse marcado o início do comércio da seda com o ocidente, mas em 1993 cientistas austríacos encontraram fios de seda no cabelo de uma múmia egípcia de cerca de 1000 a.C. Exames químicos, de infravermelho e microscopia eletrônica não deixaram dúvidas de que a seda era chinesa.

No início da era cristã, a seda já era vendida na Grécia e em Roma, não diretamente por chineses, mas por uma sequência de intermediários. A rota passa-

va pelo Império Parta, multiétnico e dominado por persas, que os romanos nunca conseguiram vencer, e que usava a rota como bela fonte de renda. Os partas nunca permitiram o contato direto entre romanos e chineses. O comércio da seda esticou o império chinês rumo ao império romano, como se vê no mapa. O império parta estendia-se na direção leste-oeste da ponta do império



Impérios romano (vermelho) e chinês (amarelo) no século I. O império parta impedia a expansão de Roma rumo ao leste.

Chinês até o leste da atual Turquia, onde fazia divisa com o império romano, e estendia-se na direção norte-sul do Mar Negro até o Mar Vermelho. O comércio e as terras férteis do Levante e da Mesopotâmia os tornavam muito ricos e poderosos. A rota da seda era, em considerável grau, uma via de mão única, e não servia apenas para comércio da seda. Muita seda e especiaria vinha da China para Roma, mas de volta os romanos enviavam a barata lã e peças de vidro, principalmente contas. O resto das compras era pago com ouro e prata. Entre a Índia e o império romano, o comércio era recíproco, como demonstra a enorme quantidade de objetos romanos antigos até hoje encontrados no subcontinente indiano.

A seda tornou-se extremamente apreciada em Roma, e ali ela era caríssima. Era o tecido preferido dos aristocratas e milionários. Expunha as formas das mulheres romanas, segundo comentaristas da época, até além dos limites do decoro.

O comércio permaneceu intenso até a queda do império romano do ocidente, e ainda depois. Um fato ilustra o apreço que a seda ganhou em Roma e no resto da Europa. Alarico, o rei godo, sitiou Roma em 408 e deu seu preço para levantar o cerco: 5 mil libras de ouro, 30 mil libras de prata, 4 mil túnicas de seda e 3 mil libras de pimenta.

A assimetria na rota da seda era observada no comércio da China com todo o resto do mundo. A China tinha coisas finas e caras para vender, mas nenhum interesse em comprar o que seus parceiros tinham para oferecer. Essa prática atravessou os milênios. Quando o império britânico dominou o mundo, passou a consumir enorme quantidade de coisas da China, como especiarias, seda, porcelanas finas e peças de arte. Nada que os britânicos ofereciam aos chineses era aceito, exceto ouro e prata. Para obter esses metais, os britânicos obrigaram Espanha e Portugal a minerá-los nas suas colônias da América do Sul,

e os portos sul-americanos também foram obrigados a se abrir aos produtos industriais ingleses, pagos principalmente com os metais preciosos.

## **A China diz não à Revolução Industrial**

Em 1793, o rei britânico Jorge III enviou uma missão de alto nível à China, chefiada por Lord George Macartney, com a incumbência de negociar acesso de comerciantes chineses ao mercado chinês. O Reino Unido já era tecnicamente avançado e tinha para vender produtos industriais que os chineses sequer conheciam, enquanto a China, sob a dinastia Qing, estava entrando no processo de decadência que levou à queda do império. Mas a sua economia ainda era, de longe, a maior do mundo, pois a população era gigantesca. Macartney trazia uma carta do rei Jorge que propunha a abertura de embaixadas residentes recíprocas, por meio das quais os dois países soberanos pudessem negociar diretamente, e o início de comércio. Trazia também muitos presentes de natureza diversa, com os quais pretendia demonstrar o avanço da indústria britânica. Relógios mecânicos de ouro cravados de diamantes, instrumentos óticos, instrumentos de medida de alta precisão. Na diversa variedade de presentes, havia até um planetário, cuja montagem na China durou semanas.

A China, o Império do Meio, até então só tinha lidado com dois tipos de estrangeiros: bárbaros das estepes do norte, que mais de uma vez os haviam vencido, e países clientes ou vassalos. A Índia, que por séculos tinha sido uma economia ainda maior do que a chinesa, estava separada dela pelos himalaia, o que dificultava comércio intenso e evitava possíveis conflitos. Não obstante o isolamento político e comercial, desde muito tempo havia entre as duas regiões importantes trocas culturais por meio das quais o budismo foi exportado para a China.

A pretensão britânica de uma relação de iguais com a China era uma intolerável insubordinação a uma hierarquia que fazia parte da ordem dos cosmos. O Imperador chinês sequer recebeu Macartney, que obstinadamente permaneceu meses na espera. Por fim, Macartney foi acordado bem cedo, o imperador o iria receber. No palácio imperial, o fizeram esperar durante horas, sem explicações. Enfim, Macartney foi levado por mandarins. Cruzaram luxuosos salões, subiram uma escada e chegaram a outro salão ainda mais suntuoso, onde havia uma cadeira de luxo que bem poderia ser um trono. Na cadeira não estava o imperador, apenas uma carta dele ao rei Jorge. Os mandarins fizeram para a carta o *kowtow*, a reverência chinesa obrigatória – sob pena de decapitação – a quem se apresentasse perante o imperador, pegaram-na e a levaram junto com Macartney.

A carta imperial pode ter sido a coisa mais humilhante que um rei britânico jamais conheceu. É cheia de ensinamentos e admoestações. Seu começo estabelece o tom:

“Vós, ó Rei, viveis além dos confins de muitos oceanos. Entretanto, impelido por vosso humilde desejo de compartilhar os benefícios de nossa civilização, despachastes uma missão respeitosamente portando vosso memorial.”

Na sequência, o Imperador Celestial questiona se, caso fossem atendidas as absurdas pretensões do suplicante, teria a Inglaterra condições de prover acomodações apropriadas a um embaixador do império chinês. Macartney anotou em seu diário: “Algumas fragatas britânicas bastariam para destruir a marinha chinesa”, o que trazia prenúncios, pois os britânicos não eram anjos. Mas os eventos históricos aconselhavam atenção ao que estava acontecendo nos EUA e na França. Não tardou que viessem as guerras napoleônicas, ao final das quais o Reino Unido ficou com uma dívida equivalente a 220% do seu PIB.

Os juros da dívida, por volta de 5% ao ano, foram pagos sem emissão de moeda porque a economia do Reino Unido, com o avanço da revolução industrial, crescia a taxas nunca antes vistas, e com o tempo a dívida acabou ficando irrisória em relação ao PIB. Mas os britânicos precisavam de matérias primas e mercado para os seus produtos industriais. A China e a Índia eram os países mais populosos do mundo e também os detentores das maiores economias, desde o início da era cristã, e provavelmente mesmo bem antes. Em 1800, o censo chinês contou 332.181.400 pessoas, 37% da população mundial. Em 1850, essa população já era, pelas estimativas modernas, 436 milhões, 36% da população mundial. A população da Índia, da qual se conhece menos, seria pouco mais da metade da população da China.

Portugal, e principalmente a Inglaterra, desde o século XVII envolveram-se no comércio de commodities, que iam do chá e outras especiarias aos escravos africanos e finalmente ao ópio. A produção deste começou a estabelecer-se no século XVIII em possessões portuguesas na Índia ocidental e central. No final daquele século, portos portugueses no oeste da Índia já haviam se integrado a Macau, de onde o ópio era enviado à China, que passou a consumir a droga. A Companhia Britânica das Índias Orientais, que desde 1757 havia conquistado possessões na Índia, viu no ópio um grande negócio. A China, com mais de um terço da população humana, seria o melhor mercado consumidor; finalmente os britânicos tinham um produto que interessava aos chineses. O império Qing havia banido a importação do ópio já em 1739. Por isso, em vez de transportar em seus próprios navios o ópio para a China, a companhia terceirizou as etapas finais da operação para contrabandistas britânicos. O ópio viciante corrompeu o princípio milenar dos chineses de rejeitar tudo que o mundo bárbaro – diga-se, o resto do mundo – tinha para oferecer ao Império do Meio.

O desfecho, trágico e torpe, é bem conhecido. Duas guerras do ópio, de 1839 a 1842 e 1856 a 1860. O império entrou em rápida decadência, marcada por desordem e rebeliões. A maior delas, a Rebelião Taiping (1851-1864), que levou à morte de trinta a cinquenta milhões de chineses, pretendia substituir a tradi-

ção confuciana e imperial por uma teocracia comunista de inspiração cristã, e só se encerrou quando os ingleses, temerosos da sua exportação, decidiram encerrá-la com o envolvimento de suas forças. Esses foram os episódios iniciais do Século da Humilhação (1839-1939). O império caiu em 1912, e ter durado ainda tanto demonstra a sua resiliência.

## **A China adota com muito sucesso os métodos ocidentais**

Desde a revolução científica na Europa, os chineses gostavam de destacar uma diferença fundamental entre os modos de ver conhecimento no Ocidente e na China. Naquele, o conhecimento era valorizado pela sua utilidade, enquanto a China o valorizava pela sua essência. Mas, em meados dos anos 1950, a República Popular da China adotou os métodos da ciência ocidental e passou a praticá-los com ênfase especial em sua utilidade. Segundo alguns, isso aconteceu porque o confucionismo valoriza o prático, não o teórico. Sobre o sucesso dessa política, vários aspectos merecem ser vistos.

Desde que Deng Xiaoping iniciou as reformas na economia em 1979, a China entrou em um período de crescimento jamais visto em uma grande economia, e nesses mais de quarenta anos o PIB chinês duplicou em média a cada oito anos, o que significa crescer por um fator de 32 em 40 anos. A economia chinesa já é a segunda maior do mundo e em breve será a primeira. Exceto pela rapidez da ascensão, isso não é surpreendente, posto que por treze séculos a China foi a maior economia do mundo. Sua renda per capita ainda é um quarto, no máximo um terço, da dos EUA e da média dos países da Europa ocidental. Mesmo na vizinhança chinesa, Coreia do Sul, Singapura, Hong Kong, Macau e Taiwan têm renda per capita pelo menos três vezes a chinesa. Mas a China tem 1,4 bilhões de habitantes e essa massa humana gera cifras econômicas gigantescas, embora o país ainda seja de renda média, não de renda alta. Mais significativo, ou pelo menos humanamente mais relevante, é o fato de que em quatro décadas a China tirou 800 milhões de pessoas da pobreza extrema.

A pretensão legítima da China é tornar-se até 2049 – quando a República Popular da China completa cem anos – um país rico e também um inovador de ponta, quem sabe o maior inovador do mundo. Isso seria maravilhoso se a China mirasse uma incorporação harmônica no resto do mundo, que ficou pequeno demais para caber afirmações nacionalistas, mas isso não tem acontecido. Seu sentimento de excepcionalidade é forte e declarado desde a dinastia Han. Para infelicidade do mundo, a China compete pela hegemonia mundial com os EUA, uma nação adolescente que já na infância acreditava estar imbuída de uma grandiosa missão como farol da liberdade no mundo.

Não obstante suas pretensões descabidas, os EUA são razoavelmente abertos ao comércio internacional. Na verdade seu mercado é o mais aberto do mundo. Já a China, permanece fechada para a entrada de produtos estrangeiros, exce-



to commodities para alimentar sua indústria, que não para de crescer. Alguns fatos sobre a indústria chinesa assustam porque parecem desatinado. Em 1980 a China produziu 37 milhões de toneladas (Mt) de aço e em 2020 produziu 1065 Mt, 57% da produção mundial! Isso não faz qualquer sentido por várias razões. Quase todo o minério para essa produção de aço é importado, e o processo de importação do minério é também desatinado, pois a China acabou monopolizando até o transporte marítimo do minério. A Vale encomendou navios capazes de levar 400 mil toneladas de minério, mas não demorou que a China desenvolvesse navios desse porte e decidisse que os portos chineses estariam fechados para navios análogos estrangeiros. O carvão chinês é muito sujo, com isso as siderúrgicas chinesas são as mais poluidoras do mundo, não só em fuligem, mas também em gases de efeito estufa. Esse tipo de imundície é praticado também em outros tipos de indústrias do país, razão pela qual as pessoas nas grandes cidades chinesas andam na rua usando máscara.

Em 2001, após longo tempo de negociações, A China ingressou na Organização Mundial do Comércio. Usando uma massa descomunal de trabalhadores que nas últimas décadas migrou para as cidades e ainda está disposta a trabalhar 70 horas por semana em troca de salários muito baixos pelos padrões dos países desenvolvidos ocidentais, a China passou a produzir de tudo para distribuir mundo afora. Com o atrativo da imensa mão de obra barata, de impostos baixos e permissividade a problemas ambientais, a China atraiu também um fabuloso investimento de multinacionais do Ocidente, que transferiram para lá grande parte de suas fábricas, embora a China imponha para isso a internalização de grande parte da pesquisa em P&D dessas empresas.

Essa política de internalização, no entender do autor, foi acertada e também politicamente justa. Os laboratórios de pesquisa das multinacionais na China talvez tenham sido decisivos para a arrancada tecnológica do país. Desde que os chineses começaram a dar ênfase no mercado doméstico, que já é enorme, empresas ocidentais passaram a ver suas fábricas na China não apenas como plataformas de produção a baixo custo de produtos para exportação, mas também para atendimento ao mercado interno, e têm desenvolvido produtos moldados ao gosto dos chineses. Com essas mudanças, a China provavelmente passará a consumir em larga escala produtos *made in China* por empresas estrangeiras. Esses produtos não terão de passar pela rota da seda, que é eternamente de mão única.

E por que a OMC tolera essas políticas chinesas? Porque a China é hábil em suas manobras e mantém suas tarifas de importação na faixa permitida pela Organização. A pouca importação de produtos estrangeiros decorre de uma rejeição a eles pela própria população, que é fortemente induzida pelo estado, seja por meio da mídia estatal, seja por represálias aos chineses usuários desses produtos. No setor de serviços, a China apela para políticas que saem da alçada da OMC, pois elas são em certos aspectos prerrogativas dos estados soberanos. Aqui entram setores importantes da economia moderna. A China é inteiramente fechada a plataformas e aplicativos de comércio online ou de redes sociais. Os chineses não têm acesso à Amazon, o que possibilitou a prosperidade da Alibaba, generosamente financiada pelo Estado. Não têm acesso ao Google ou Youtube, o que abriu espaço para Baidu e Youku, nem a Facebook, WhatsApp, Instagram ou Netflix, o que abriu espaço para o Tik Tok, que

invadiu o mundo, e a outras plataformas ou aplicativos que ainda estão restritos à China. No setor de serviços via internet, os princípios da roda da seda são mais sagrados porque esse comércio é visto como ameaça ao poder do Partido Comunista Chinês.

O PCC controla a China e o seu povo com mãos de ferro. Para que o controle seja mais perfeito, a China tem investido pesado em Inteligência Artificial, com financiamento público. A ferramenta de controle mais empregada para esse controle é o reconhecimento facial, cuja tecnologia é simples e na sua essência até mesmo antiga. Na China, a Huawei desenvolveu ótima tecnologia de reconhecimento facial e, desde o final de 2019, para comprar um telefone móvel na China a pessoa é obrigada a digitalizar o seu rosto. O sistema de reconhecimento facial tem aplicações que são úteis para as pessoas. Nas portas dos apartamentos, há câmaras que reconhecem o rosto dos residentes e abrem a porta quando eles chegam a casa. Muito confortável, as crianças e até adultos perdem chaves! O cruel é que essas imagens são acessíveis ao governo, que assim pode monitorar quem entra em cada casa. Nas vias públicas, nos aeroportos, em todos os locais há câmaras inteligentes, No início de 2021, o número dessas câmaras já era 770 milhões, 54% das câmaras de vigilância existentes no mundo. Além dos dados das câmaras, o governo tem acesso a toda a movimentação na internet, uma massa realmente colossal de dados. O sistema de vigilância sabe quanto tempo cada chinês despende em jogos em computador ou smartphones, que tipo de coisa ela compra, que tipo de filme ela prefere, com quem ela interage.

Esses dados, e a ciência dos dados, possibilitaram que em 2020 Xi Jinping colocasse em funcionamento um programa que tem sido pensado e planejado desde 2014, o Programa de Crédito Social (PCS). Tudo que a pessoa faz conta pontos negativos ou positivos. O bom cidadão, que soma muitos pontos positivos, tem benefícios que vão desde a facilidade em obter empréstimos, em marcar um voo ou fazer reserva em um hotel até entrar em uma boa universidade ou colocar o filho em uma boa escola. O mau cidadão, cuja conduta e visão do mundo não são afinadas com o projeto do PCC, tem seu futuro arruinado. Xi define com palavras encantadoras o seu projeto, que visa “construir a confiança”.

O que mais surpreende os analistas ocidentais é o fato de que o PCS tem aprovação do povo. Aponte-se, primeiro, que muito poucas pessoas revelariam sua eventual desaprovação ao programa. Além disso, há razões para que o chinês o aprove. O chinês sem experiência na vida ocidental não tem consciência dos valores que tiveram origem no Iluminismo, e que mesmo aqui são ainda pouco assegurados. John Stuart Mill comentou: “A mente dos chineses é moldada do mesmo modo que os pés de suas mulheres: por compressão”. Além dessa mente moldada pelo conformismo confucionista, os ganhos reais conseguidos pelo chinês típico são maiores do que outros ganhos, para ele ainda metafísicos. Primeiro a barriga, depois a metafísica, e para quem cresceu na miséria ter comida e outros bens materiais é um ganho enorme.

## **China e Rússia, um interlúdio**

A China e a Rússia terão histórias interligadas, seja pela rivalidade, seja por alianças que podem deixar de ser puramente estratégicas. Os dois países são limítrofes e imperiais. O império russo é muito mais recente. O Czar Ivan III (1462-1505) triplicou o território da Rússia e criou as bases para sua expansão posterior por Pedro, o Grande (1682-1725) e sua transformação no Império Russo, que em área dominada só ficou atrás do Império Mongol e do Império Britânico. Catarina, a Grande, expandiu ainda mais o império e consolidou a Academia de São Petersburgo, a semente do que viria a ser a importante ciência russa. O censo de 1897 contou 125,6 milhões de pessoas no império, uma população cultural e etnicamente muito diversa, como em todos os impérios. Essa população era a terceira do mundo, atrás apenas das da China e da Índia.

No início do século 20, havia no mundo cinco impérios, o Otomano, o Russo, o Alemão, o Austro-Húngaro e o Britânico. Este era o maior deles e também o maior da história, em um sentido, pois controlava inúmeras colônias ultramarinas em que viviam mais de 400 milhões de pessoas. Para análise da história europeia, podemos ver o Reino Unido como uma unidade política ilhar e ignorar as colônias britânicas.

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) destruiu todos os impérios europeus, exceto o Russo. Ao final da guerra, a Europa ficou dividida em estados nações (quatro delas formando o Reino Unido) e o Império Russo. Este, que foi monárquico absolutista (exceto pela breve experiência após 1905 de formação de uma monarquia constitucionalista), foi substituído pela União Soviética na revolução bolchevique de 1917. Ao final da revolução, Vladimir Lênin, o líder da revolução, considerando a forte identidade cultural e étnica de áreas anteriormente incorporadas pelas armas ao império Czar, demarcou-as em 1922-1924 como países distintos que formariam com a Rússia a URSS. Com o fim da União Soviética em 1991, esses países se tornaram nações independentes. No mapa, vemos a URSS e a divisão que a sucedeu. Todo esse conjunto foi parte do Império Russo.





Mapa da URSS, mostrando os países que mais tarde se tornaram independentes

Vladimir Putin não se sente contente com essa divisão, e sua ambição é reintegrar o que foi dividido por Lenin no que ele vê como um erro. Desde 2014, ele luta com determinação para reintegrar a Ucrânia, segundo ele um país criado artificialmente que não mostrou competência para se administrar. Há razões práticas muito importantes para que ele veja a Ucrânia com tamanha cobiça. O país, com território de 603 mil km<sup>2</sup>, é o segundo maior da Europa, maior do que a França. Dois terços do seu território são cobertos pelo solo mais fértil da Europa e um dos mais férteis do mundo. A Ucrânia foi celeiro da Europa e mais tarde da URSS, e provavelmente voltará ser uma potência agrícola. O país tem intenções de tornar-se membro da Otan e integrar-se economicamente aos países europeus, e com isso alcançar pleno desenvolvimento. Para Putin, uma Ucrânia integrada à Europa poria em risco a segurança da Rússia. A questão é: a Europa tem intenção de agredir a Rússia?

Já em 2014, Putin invadiu a Crimeia, península que era parte da Ucrânia, e a incorporou à Rússia. A população local apoiou a mudança em um plebiscito não reconhecido pela comunidade internacional. A população da Crimeia é de maioria russa por uma razão especial. A Crimeia era povoada quase inteiramente por tártaros muçulmanos. Stalin os expulsou da URSS, após matar ou enviar seus líderes para a Sibéria, e reocupou a península com 500 mil russos que deram origem à população atual.

Desde então, Putin tenta incorporar à Rússia as províncias ucranianas de Donetsk e Lugansk, no extremo leste do país e fronteiriças com a Rússia. Cerca um terço dessas províncias é área controlada por separatistas fortemente armados por Putin. Desde fevereiro de 2022, Putin cercou parte da Ucrânia, com tropas fortemente armadas, que ocuparam a Belarus com permissão do ditador local Aleksandr Lukashenko. Dia 24, invadiu a Ucrânia para “garantir a paz nas províncias separatistas”. Para comover a população russa e ganhar a aprovação de pessoas no exterior que buscam um pretexto para isso, Putin diz que a Ucrânia é nazista. Vamos aos fatos. A Ucrânia enfrentou com determinação as

tropas de Hitler na Segunda Guerra e nessa luta morreram oito milhões de ucranianos. Não há registro de apoio de qualquer ucraniano às forças nazistas. O atual presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, judeu e filho de pais judeus, e foi eleito em 2019 com 73% dos votos populares. Segundo Putin, ele é um nazista que usurpou o poder. Israel pensa de modo diferente, tanto assim que se juntou a outros 140 países que dia 3 e março condenaram na ONU a invasão da Ucrânia.

O discurso de Putin vai aos pouco subindo de tom. Agora ele já fala em construir uma nova ordem mundial, tripolar. Nessa ordem, a Rússia controlaria toda a ex-URSS, que antes era o império Czar russo. Antes de iniciar essas ações e essas falas, Putin foi à China e se reuniu com Xi Jinping. Falaram em uma aliança sólida. Xi tem oscilado entre declarações ambíguas ou de apoio a Putin. Sobre a invasão da Ucrânia, ele diz que a Rússia é um país soberano que tem o direito de fazer o que é de seu interesse. Na verdade, qualquer ação de Putin que empurre a Otan para o oeste é de interesse também da China. A China se absteve na votação na ONU, dia 3.

Não é claro que o mundo tripolar visado por Putin seja satisfatório para os planos chineses. A Rússia teria um território de 22.4 milhões de km<sup>2</sup>, extremamente diverso e rico em recursos naturais, com mares internos e costas para muitos oceanos, divisas com a China, a Europa e quase unida à América do Norte. Hoje a população da Rússia é bem pequena e também é pequena a sua economia. Mas em menos de um século isso pode mudar inteiramente e os planos da China transpõem os séculos, como sempre.

## One Belt One Road, a Nova Rota da Seda

*One Belt One Road* (OBOR), uma iniciativa criada em 2013 pelo presidente Xi Jinping, é declaradamente a Rota da Seda do século 21. Em 2017, ela foi incorporada à constituição da China. Seus propósitos são grandiosos. OBOR visa integração à China da Ásia e África por meio de obras de infraestrutura e corredores de comércio.



One Belt One Road. A China em vermelho e os países sócios do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura em laranja. As faixas pretas são corredores marítimos de conexão e as negras são corredores terrestres.

É especialmente intrigante que a iniciativa OBOR tenha sido acompanhada, no mesmo ano de 2013, pela proposta chinesa de criação do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB), que já conta com 89 sócios, 46 regionais e 43 não regionais. O Brasil é sócio, com participação de US\$50 milhões no capital autorizado do banco, de US\$100 bilhões. Na página do Ministério da Economia, lê-se:

“O Acordo Constitutivo do Banco de Investimentos e Infraestrutura da Ásia – AIIB foi assinado pelo Brasil, juntamente com 49 outros países, em 29 de junho de 2015. Desse modo, o País será considerado um dos membros fundadores do Banco. Todos os membros dos BRICS serão fundadores do AIIB (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), assim como parceiros extrarregionais, como Reino Unido, França, Alemanha, Itália, e Austrália. A sede do AIIB localiza-se em Pequim, China, e possui capital inicial de US\$100 bilhões. Os membros regionais terão aproximadamente 75% das ações. Os principais objetivos do AIIB são promover o investimento nas regiões da Ásia e Oceania, em particular no desenvolvimento em infraestrutura e em setores produtivos; financiar projetos que promovam o crescimento econômico, em especial de países menos desenvolvidos; fomentar o investimento privado em projetos de infraestrutura; e promover a interconexão e integração econômica. O Banco pode financiar projetos em países fora da região, mas a iniciativa deverá produzir benefícios significativos para a Ásia, como a conectividade física e o comércio com a Ásia, projetos que promovam 'bens globais', ou projetos que gerem benefícios de desenvolvimento sustentável 'próximos' (em termos geográficos) da Ásia.”

A China, que detém 29,788% do capital autorizado do AIIB é o maior sócio. Como é usual, ela tem também o maior número de votos na assembleia de acionistas. Mas não é usual o fato de ela ter poder de veto nas decisões da assembleia. Países europeus importantes como Alemanha, Reino Unido e França, se tornaram sócios, mas não EUA e Japão. A Rússia, com 6,536% das ações, é o segundo maior sócio.

O papel do AIIB superpõe-se em parte com o do Banco Asiático de Desenvolvimento (ADB), criado em 1966. Curiosamente, a China detém apenas 6,429% das ações do ADB, enquanto EUA e Japão detêm, cada um, 15,571%. Embora o ADB tenha sede nas Filipinas, todos os seus presidentes, até hoje, foram japoneses, o que talvez se explique pelo poder de voto do Japão e EUA na assembleia.

Há no mundo um considerável número de instituições financeiras com atuação em âmbito mundial ou regional, todas elas com missões nobres, como promover o desenvolvimento, reduzir a pobreza, investir na infraestrutura de países pobres ou em desenvolvimento. O Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, propostos na Conferência de Bretton Woods (julho de 1944) são as instituições mais antigas, mais influentes e financeiramente mais poderosas. O sucesso tanto do Banco Mundial quanto do FMI foi muito aquém do pretendido, e ambos são objeto de muitas críticas. Embora eles tenham 190 sócios, os paí-

ses desenvolvidos determinam quase inteiramente suas orientações e ações, que segundo os críticos são em alta medida baseadas na visão política dos países ricos que os controlam.

A China, crítica tradicional desses bancos dominados pelo Ocidente, agora tem o AIIB, o seu banco, cuja função principal acabará fatalmente sendo o financiamento de obras de infraestrutura que promovam a nova rota da seda.

O século 21 será certamente o século da Ásia, como já foi a grande maioria dos séculos do passado. A interrogação sobre se isso será bom ou ruim envolve a questão de valores. Muitos, mesmo no Ocidente, questionam o eurocentrismo, a ótica pela qual outros veem a história e o nosso tempo. Há um aspecto do eurocentrismo que se sobressai muito acima dos outros. O Iluminismo aprofundou-se na mais importante descoberta dos gregos: a do indivíduo. Disso nasceram os projetos politicamente liberais que compõem o que há de melhor no Ocidente. O indivíduo deve ser inteiramente livre para fazer qualquer coisa que não prejudique a liberdade dos outros, e esse princípio deve moldar os pactos sociais das sociedades e, espera-se, um dia da humanidade. O indivíduo tem direitos invioláveis, e a busca do bem estar comum tem de respeitar esse princípio. Isso ainda não comove o Oriente, que relativiza a “democracia ocidental”.

Há quem creia que a democracia liberal é, no longo prazo, indestrutível. Essa crença é infundada. A inteligência artificial pode muito bem ser usada para a criação de tiranias indestrutíveis, e nelas até os genes humanos podem ser alterados para que as pessoas sejam dóceis ao comando do Leviatã. E a partir desse ponto deixaremos de ser humanos.